

"LATIN AMERICA"

ODISSEY PRESS INC. — NEW YORK 1942

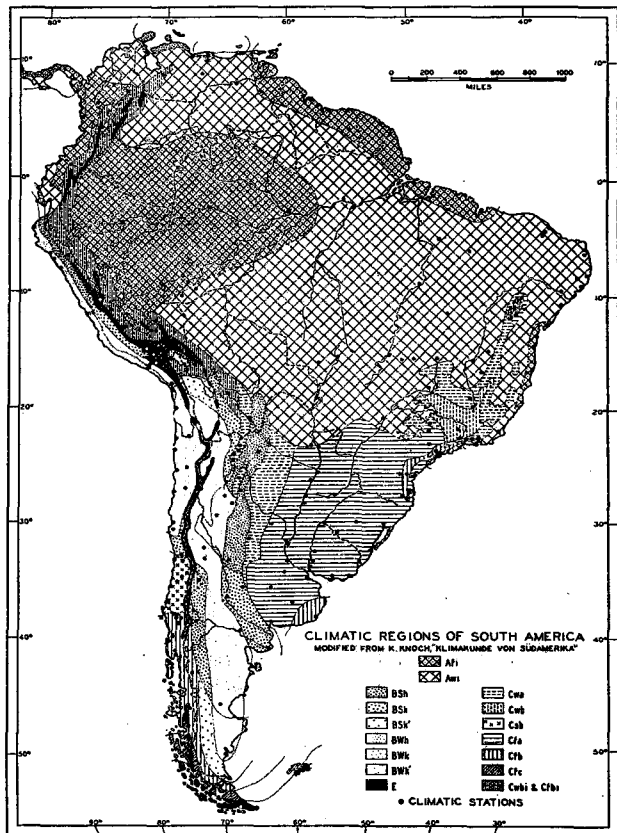
Numa obra de novecentas páginas, sobre a América Latina, o nosso amigo prof. PRESTON JAMES da Universidade de Michigan, hoje "Coordenador de Informações" em Washington, dedica cerca de 200 páginas ao nosso país, ao estudo do qual vem consagrando uma grande parte de sua atividade profissional, da sua longa competência e da sua constante simpatia.

Prefácio Justificando a publicação do seu livro o prof. JAMES depois de considerações gerais afirma o seguinte:

"Agora que os anglo-americanos, os hispano-americanos e os luso-americanos enfrentam a necessidade de ter um destino comum, um esforço imediato deverá ser feito para transformar a ignorância e suspeitas mútuas, numa compreensão de simpatia."

Em outro parágrafo lemos a seguinte verdade: "até recentemente, não havia muitos norte-americanos profundamente interessados em países estrangeiros. A maioria do povo americano acha-se muito afastada dos contactos com estrangeiros para conhecer exatamente como tais contactos podem ser feitos". Assim outros povos não devem ser julgados pelo *standard* norte-americano..."

Depois de comentar a primitiva falta de interesse do povo americano em relação à América Latina, o prof. JAMES dirige-se aos seus patricios da seguinte maneira:



Regiões climáticas da América do Sul *

* N. da R. A distribuição dos tipos de clima que figuram no mapa acima foi feita de acordo com o sistema de W. KÖPPEN, modificado por K. KNOCH. O sistema de KÖPPEN utiliza, para representar os diversos tipos de clima, letras que simbolizam valores meteorológicos bem definidos. Os climas podem, assim, ser caracterizados pela combinação das referidas letras simbólicas. Uma síntese do sistema de KÖPPEN dá-la o primeiro artigo deste número intitulado *O clima da Amazônia*, a qual muito facilita a compreensão do mapa de KNOCH.

Não é nosso propósito fazer aqui uma análise da distribuição dos climas constantes do mapa em aprêço. Ocorre-nos, no entanto, observar que o tipo de clima *Ami*, de savanas tropicais, abrange tanto os planaltos das Guianas e do Brasil, como parte da planície amazônica — entre Belém e Manaus. Ora, tanto os valores meteorológicos, quanto a vegetação (v. mapa da vegetação) desse trecho da planície amazônica, mostram que a essa região corresponde melhor o tipo de clima *Ami*, como se vê na fig. 4 do mencionado artigo. De fato, as chuvas que caem na referida região, durante os meses relativamente secos, são suficientes para alimentar florestas tropicais, ao passo que o período seco, que corresponde ao tipo de clima *Ami*, é muito mais acentuado e afeta profundamente a vegetação. Tal fato poderá ser facilmente verificado pelo exame dos gráficos que figuram no citado artigo.

Achamos igualmente conveniente destacar a parte mais seca do Nordeste, onde as chuvas, além de bastante irregulares, são realmente muito escassas, e onde a vegetação de gramíneas baixas e ralas caracteriza antes o tipo de clima *BS*, de estepes. Alguns pontos deveriam até ser classificados como sendo do tipo de clima *BW*, de desertos.

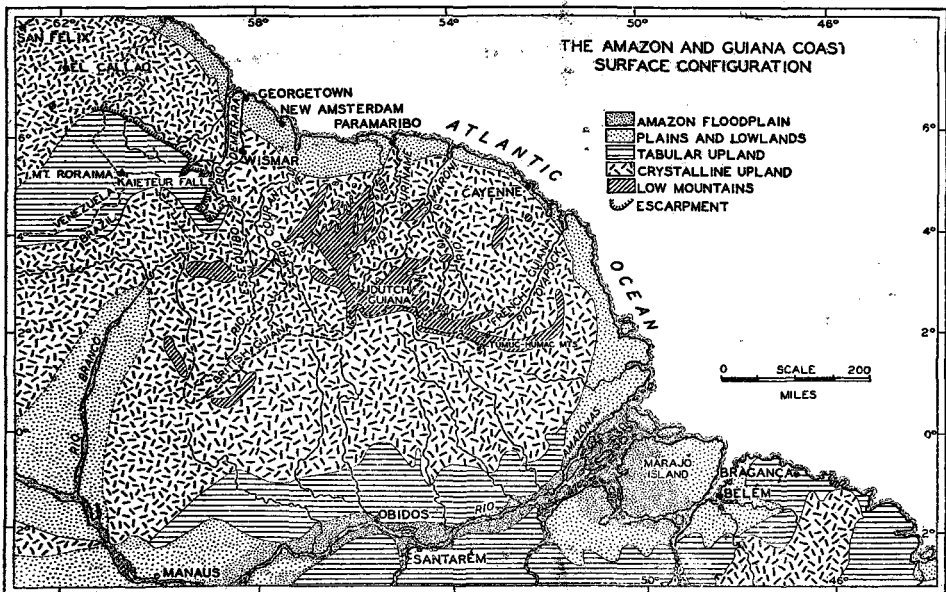
Sem embargo de pequenas divergências quais as assinaladas — e que decorrem com certeza dos elementos de que dispôs o seu autor —, o mapa de KNOCH é realmente interessante, porque dá a distribuição geral dos tipos de clima da América do Sul pelo moderno sistema de KÖPPEN.

"... porém de qualquer maneira nós precisamos aprender urgentemente como compreender e apreciar os outros americanos que também vivem no Novo Mundo. Precisamos aprender, antes que seja tarde, que a América Latina não é um rico território esperando ser explorado pelos geniais homens de negócio norte-americanos; precisamos aprender que a América Latina não é uma terra pioneira do passado seguindo o mesmo plano traçado pelos pioneiros norte-americanos; precisamos aprender que a América Latina tem Universidades, Bibliotecas, Imprensa e outras evidências de civilização desde pelo menos um século antes que essas cousas aparecessem nas acidentadas e florestais regiões do Este americano do norte; precisamos aprender que os laços culturais da América Latina estão mais próximos da Europa do que da Anglo-América; finalmente precisamos aprender que as condições de terra e povo são tão diversos através toda a América Latina que não se pode usar uma simples generalização para descrever as maneiras de vida encontradas aí".

A seguir o prof. JAMES explica a base filosófica com que apresentou o homem e a terra nos capítulos que constituem o seu livro: "Este livro trata da distribuição das populações na terra e desde que o geógrafo se interessa primeiramente pela significação do fator localização nas relações humanas, terá inevitavelmente, de salientar as distinções, os contrastes, os elementos que fazem um lugar e o povo que nele vive diferente de outro lugar e de outro povo...", — "Neste livro a geografia foi tratada sob o ponto de vista histórico; para compreender o presente arranjo dos povos teremos que olhar para as origens e traçar o seu desenvolvimento. Mas quando nos movimentamos de país para país e de região para região nestes países, verificamos que cada aglomeração humana possui uma distinta individualidade — uma individualidade criada pelas diferenças na natureza do povo, diferenças na natureza da terra e diferenças nas experiências que esse povo teve em seu esforço para formar uma conexão com a terra."

O livro apresenta inúmeros bons mapas. Os de detalhe são mais frequentes e tornam-se um elemento de primeira grandeza para elucidação do texto. Os mapas populacionais são muito claros e úteis. Quase todos foram baseados em dados censitários.

Quanto aos mapas do relevo e da vegetação não apresentam as qualidades de clareza dos mapas populacionais.



RELEVO DA REGIAO DO BAIXO AMAZONAS E DAS GUIANAS

Trad. das convenções

- 1 — Planície amazônica de inundação
- 2 — Planícies e baixadas
- 3 — Terras altas tabulares
- 4 — Relevo cristalino
- 5 — Montanhas pouco elevadas
- 6 — Escarpas

N.B.: Quando o autor se refere a montanhas "pouco elevadas" é fazendo comparação com o relevo de outras regiões do Globo (Andes, Rochosas, etc.).

Introdução geral Depois de tecer ligeiros comentários sobre a antiguidade das civilizações indo-americanas e o seu estado cultural o prof. JAMES conclue dessa maneira: "Realmente a América Latina não é uma terra virgem, esperando pela chegada do pioneiro. É uma velha terra explorada e muitos dos seus recursos foram acumulados, tesouros explorados e abandonados, muitas de suas paisagens foram profundamente alteradas pela mão do homem. É porém a terra na qual vastas áreas continuam relativamente vazias.

A seguir o autor começa um novo parágrafo que intitula:

1 — *Características principais.*

"O homem e a terra são os elementos básicos desta obra. Não se pode compreender um grupo humano sem considerá-lo em relação à terra ocupada por este grupo" — "... Na América Latina quatro principais características podem servir para resumir as condições do homem e da terra":

I — Relativamente pequena população;

II — Distribuição da população em pequenas aglomerações;

III — Diversidade cultural e racial do povo latino-americano:

- a) O índio (mapa com a distribuição dos principais grupos indígenas)
- b) Os europeus
- c) A conquista européia da América (Mapa com a distribuição das principais linhas de penetração e conquista)
- d) A recente imigração.

IV — Diversidade das condições físicas da terra:

- a) O relêvo (Mapa do relêvo e outro da vegetação não muito claros)
- b) Climas — apresenta 4 mapas: dois com as médias de temperaturas para Janeiro e Julho, um com a média anual das chuvas e outro com a classificação dos climas de acôrdo com KÖPPEN. Este mapa foi modificado do livro de KNOCH, da série Köppen, *Climatologia da América do Sul.*
- c) Vegetação natural.

2 — O segundo parágrafo recebeu o título: *A relação entre a população e a terra.*

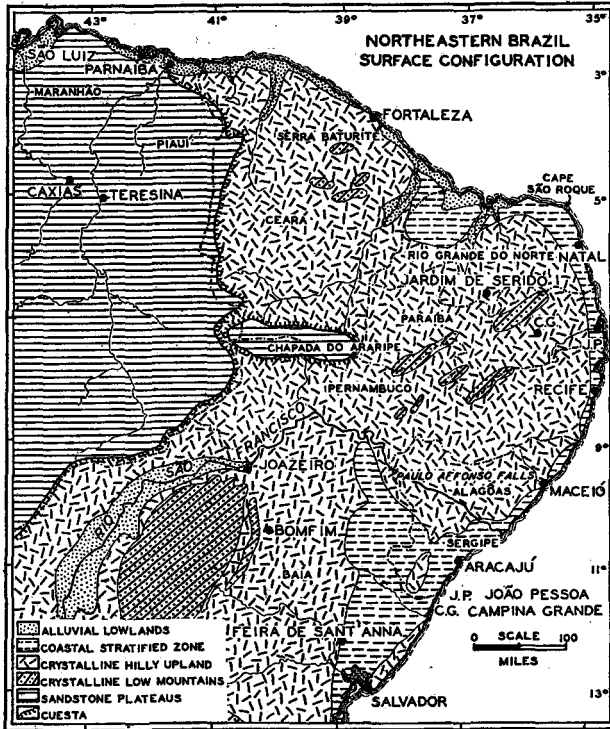
- a) Habitabilidade ou produtividade da terra;
- b) A luta pelo estabelecimento da ordem;
- c) Contacto dos diversos grupos raciais e culturais;
- d) Diversidades sociais numa sociedade feudal;
- e) Conflitos da sociedade industrial.

3 — Encerrando o capítulo das considerações gerais o prof. JAMES elaborou uma famosa página geográfica que recebeu o título de *A Geografia do homem.* É tão interessante e simples que resolvemos transcrevê-la quase que inteiramente:

"A luta para estabelecer a ordem entre os diversos elementos atrás discutidos é o tema básico do presente arranjo dos povos da América Latina. Em cada Estado independente, em cada grupo populacional separado esta luta tomou uma forma diferente e alcançou diferentes fases.

Como resultante: a significação dos elementos da terra — o valor potencial dos recursos naturais — difere no tempo e no espaço. Em alguns casos extremos encontraremos dois ou mais grupos misturados, mas não amalgamados, na mesma área de concentrada colonização; cada grupo motivado pelas diferentes atitudes e objetivos e consequentemente cada um reagindo diferentemente ao passado diverso da terra. Em alguns exemplos somos encorajados a ver que algumas vantagens são levadas contra as forças de desunião. Quando examinamos o mapa das populações detalhadamente sob a luz deste tema, não poderemos por muito tempo olhar este mapa somente como uma distribuição aparentemente uniforme de pontos irregularmente concentrados; — vemos em cada concentração uma distinta individualidade, composta de povos que fizeram uma separada e distinta contribuição (mesmo se essa contribuição foi negativa) para a luta no sentido do desenvolvimento de uma sociedade homogênea."

“As fases de lutas durante quatro séculos resultaram numa mudança de relações entre a população e a terra e por conseguinte em mudanças frequentes da população. Muitas partes da América Latina, consideradas através da história, tiveram instáveis tipos populacionais e nas áreas estáveis — tais como as comunidades predominantemente índias do México, Guatemala e as terras montanhosas dos Andes ao sul da Colômbia, Equador, Peru e Bolívia — a influência dos europeus foi relativamente pequena. Porém, muitas das áreas mais importantes, quanto à produtividade comercial no mundo moderno, eram esparsamente habitadas há menos de um século atrás”.



RELEVO DO NORDESTE DO BRASIL
Trad. das convenções

- 1 — Baixadas aluviais
- 2 — Zona costeira com estratos
- 3 — Colinas cristalinas
- 4 — Montanhas cristalinas pouco elevadas
- 5 — Planaltos de arenito
- 6 — Cuestas

encontram movem-se de um lugar para outro. “Será provável que o crescimento das novas cidades industriais traga estabilidade e permanência, ou apenas uma nova forma de migração, uma nova e ainda mais caótica forma de exploração, seguida por um novo declínio?”

Vê-se pelo exposto que o autor compreendeu realmente o problema geográfico da América Latina, mas uma dúvida paira em nossa mente: porque o prof. P. JAMES, que conhece tão bem a América Latina, se esqueceu do importantíssimo papel da Igreja Católica na formação latino-americana? Esta, a nosso ver, é uma grande lacuna que se pode verificar facilmente na obra do consagrado geógrafo americano.

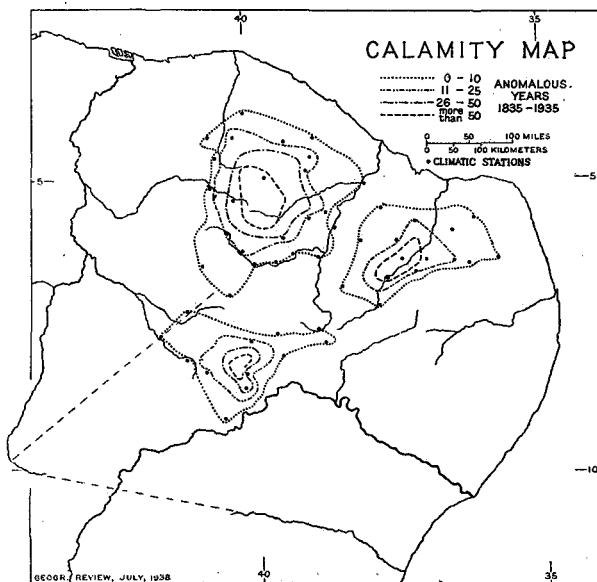
Conclusões gerais Nas 24 páginas que dedicou às conclusões gerais o prof. JAMES completou o seu volumoso trabalho resumindo e salientando os principais problemas que expôs detalhadamente no transcórre da obra.

“As explorações destrutivas dos recursos naturais teve novo significado com o advento da sociedade industrial. Explorações em pequena escala largamente espalhadas pelos continentes caracterizaram a sociedade feudal; explorações em larga escala em concentradas áreas é o modo de ação da sociedade industrial. Hoje, qualquer recurso natural para ter valor num mundo industrial precisa ser muito grande, afim de suportar um grande desenvolvimento, pois de outra maneira o custo da produção será bastante alto. Porém a procura de matérias primas é hoje maior do que em todo o passado histórico da terra.

Os lugares onde importantes recursos naturais foram encontrados tornaram-se centros de rápido povoamento e de um crescente desenvolvimento econômico. Porém permanência e estabilidade são difíceis num mundo que está sofrendo as maiores transformações. Os homens continuam procurando freneticamente as riquezas acumuladas do El-Dorado e quando nada

Apresentaremos neste comentário alguns parágrafos que claramente mostram os principais aspectos de suas conclusões gerais:

"O nosso inventário da América Latina trouxe à luz o importante fato de que esta parte do hemisfério ocidental é realmente composta de grandes variedades de terras e recursos, alguns dos quais de grande importância e — um fato de grande significação — é ocupada por uma extraordinária variedade populacional. Os mapas populacionais indicam que os latino-americanos acham-se muito diferentemente distribuídos em numerosos grupos isolados, separados por enormes áreas territoriais insuficientemente ocupadas. Cada grupo populacional, possui peculiar individualidade, cada área de colonização concentrada é diferente na composição racial dos habitantes, na forma de economia, até na atitude em relação ao modo de vida e aos objetivos que o povo se esforça para alcançar. Em cada uma dessas áreas os problemas da vida devem ser encarados tendo em mente a combinação dos elementos físicos da terra. O tema geral da diversidade é ilustrado mais e mais, não somente pela comparação de países diferentes ou de áreas diferentes de colonização, mas também pelos contrastes que separam povos que ocupam a terra juntamente em determinadas áreas."



MAPAS DAS CALAMIDADES

Anos anormais
Estações climáticas

O capítulo das conclusões gerais foi subdividido em sub-capítulos da maneira seguinte:

1 — "A LUTA PARA ESTABELECEER A ORDEM" — Dêste sub-capítulo destacámos o seguinte parágrafo: "Visivelmente a América Latina não é uma unidade. A palavra "latina" aplicada à América não define uma cultura comum ou raça comum, nem tão pouco uma linguagem comum. Esta expressão pode ser usada para descrever uma área geográfica com pequenas partes ocupadas por povos latinos; esta expressão pode ser usada para descrever as civilizações erigidas por Espanha e Portugal através das históricas experiências de colonização numa terra nova, da subjugação de povos tecnicamente primitivos e da exploração da nova terra para o aproveitamento em breve tempo dos seus recursos."

2 — PROBLEMAS DE POPULAÇÃO E COLONIZAÇÃO é o título do segundo sub-capítulo que foi dividido em títulos:

I — As quatro áreas de expansão colonizadora:

- a) As terras altas de Costa Rica.
- b) As terras altas de Antioquia, na Colômbia
- c) Chile, na parte central
- d) Os três Estados do sul do Brasil

II — Este título recebeu o nome de: "Região Pioneira". Procura o autor a causa dos "Centros de expansão colonizadora". São cinco as causas principais estudadas pelo prof. JAMES:

- 1 — A densidade e a taxa de crescimento da população
- 2 — O caráter cultural e racial da população
- 3 — A produtividade da terra
- 4 — A acessibilidade da zona pioneira para o mundo exterior
- 5 — Estabilidade dos núcleos originais de colonização.

III — O terceiro título dêste capítulo recebeu o nome de "As grandes propriedades e as plantações comerciais."

O prof. JAMES estuda a colonização da terra pelo pequeno agricultor que também possui a propriedade do lote cultivado por ele. Realmente os Estados do sul do Brasil possuem uma economia mais sólida porque a colonização começou sem a ajuda do braço escravo e o colono era o único trabalhador.

Achamos que o título "Plantações comerciais" mostra que o autor se esqueceu que todas as "plantações" subentendem o caráter comercial que realmente possuem. O prof. LÉO WAIBEL definiu o termo plantações como sendo *cash crop agriculture*. O prof. acima referido é autoridade mundialmente conhecida em geografia dos trópicos, tendo estudado carinhosamente o problema das *Plantations*.

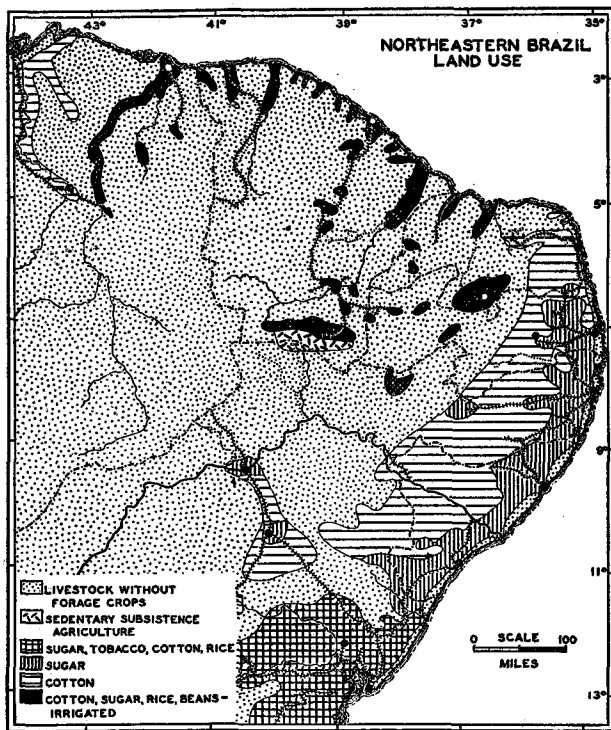
Depois de encarar o problema das grandes propriedades e das plantações como causas do fracasso da colonização pelo pequeno agricultor o prof. JAMES apresenta em suas conclusões gerais:

- 1 — O problema da saúde
- 2 — Imigração e colonização.

3 — "O COMÉRCIO E A INDÚSTRIA NA AMÉRICA LATINA" é o título do último sub-capítulo das conclusões gerais.

O autor salienta como é difícil o comércio entre povos de *standard* de vida diferente. Apresenta também os aspectos principais da indústria e o do comércio da América Latina da seguinte maneira:

- I — Desenvolvimento industrial da América Latina antes de 1914.
- II — Desenvolvimento industrial desde a primeira guerra mundial.



UTILIZAÇÃO DA TERRA DO NORDESTE DO BRASIL

Trad. das convenções

- 1 — Criação sem cultura de forragens
- 2 — Agricultura sedentária
- 3 — Açúcar, fumo, algodão e arroz
- 4 — Açúcar
- 5 — Algodão
- 6 — Algodão, açúcar, arroz e feijão, com irrigação.

Aí o autor nos mostra estatisticamente que os capitais aplicados pelos Estados Unidos na América Latina foram distribuídos na seguinte proporção:

Chile	33 %
Brasil	13 %
Colômbia	7 %
Argentina	24 %
Venezuela	13 %
Perú	6 %
Outros países da América Latina .	4 %

III — Os maiores centros industriais. Brasil, Argentina, Chile, México, Perú, etc.

IV — Rivalidades comerciais na América Latina. O autor mostra como os países fornecedores da América Latina se apresentaram com suas exportações em vários anos.

V — A situação comercial do hemisfério ocidental. O prof. JAMES discute a possibilidade do

isolamento econômico do hemisfério ocidental; concluindo pela negativa em virtude das seguintes razões:

- 1 — A capacidade do mercado ocidental para o consumo das matérias primas produzidas pelos países americanos;
- 2 — A necessidade da importação de certas matérias primas básicas devido à deficiência do continente ocidental.

Nesta parte final o autor traçou um retrato pessimista dos princípios sobre os quais a solidariedade continental se acha baseada. Aí vão alguns parágrafos para esclarecer: "... a tentativa de construir uma economia fechada dentro do hemisfério poderia resultar somente em desastre para a civilização que é dependente dessas matérias primas que lhe faltam".

"A unidade pan-americana é de fato um conceito artificial. A maioria dos povos latino-americanos está cultural e economicamente mais próxima da Europa que dos Estados Unidos. Somente a região do mar das Caraíbas está sob a dominação do mercado norte-americano..." — "No âmbito das idéias os objetivos e atitudes dos povos de descendência espanhola e portuguesa são em geral mais compreendidos pelos europeus do que pelos anglo-americanos. Também estamos ainda muito próximos do tempo das conquistas de terras latino-americanas pelos Estados Unidos." "... "O perigo yanque" não pode ser apagado da mente dos povos que vivem ao sul dos Estados Unidos por somente uma década de "boa vizinhança".

Quanto à falta de laços culturais profundos para a base essencial da solidariedade americana estamos de pleno acôrdo com o autor, mas lembramos ao grande mestre americano que essa base cultural tão essencial pode ser em pouco tempo construída.

Em relação aos laços econômicos, o próprio autor nos fornece os elementos para discordar e sustentar que os atuais movimentos econômicos entre as nações americanas são fortes e prometem para um breve futuro maior desenvolvimento.

As estatísticas provam as nossas afirmações:

Países que venderam à América Latina em 1936:

U.S.A.	49.6 %
Alemanha	23.6 %
Reino Unido	23.1 %
Japão	3.7 %

Qual será a situação hoje ?

Não queremos encerrar a primeira parte do nosso comentário sobre o livro do eminente geógrafo prof. PRESTON JAMES sem salientar os seguintes pontos gerais:

1 — O prof. JAMES apresenta inúmeros problemas sobre a América Latina sem se preocupar muito em apresentar sugestões para as suas soluções. Fez quase que unicamente diagnose. Ele não pensa pelo leitor, mas faz o leitor pensar muito;

2 — A parte de geografia econômica não se apresenta no nível dos excelentes estudos populacionais;

3 — Os pontos altos do livro estão no prefácio, conclusões e nos capítulos referentes ao Brasil e à Argentina. A parte referente à América Central é a mais fraca de toda a obra;

4 — O autor cometeu uma grave injustiça quando não procurou salientar o papel desempenhado pela Igreja Católica na formação da América Latina;

5 — Aos interessados em ler boa e moderna geografia, o prof. PRESTON JAMES oferece um grande livro que se recomenda pelo objeto tratado e pela grande capacidade do autor.

Os estudos regionais Nos estudos regionais o prof. JAMES não seguiu um plano rígido para todos os países, porém é fácil verificar o primordial interesse do autor para os estudos populacionais e os grandes problemas humanos de cada região. A geografia foi tratada mais sob o ponto de vista "regional-cultural" do que físico.

Para cada unidade política da América Latina o autor seguiu mais ou menos o seguinte rumo:

- 1 — Introdução geral com algumas referências históricas
- 2 — As características gerais da população
 - a) As populações primitivas
 - b) A população presente

3 — Divisão regional dos países quase sempre sob o ponto de vista humano.

Em cada região o autor apresenta o seguinte arranjo:

- a) As condições físicas: relêvo, hidrografia, clima e vegetação.
- b) A colonização agrícola
- c) Desenvolvimento e estado atual das estradas de ferro e de roagem
- d) Estudo detalhado dos grandes centros urbanos;

4 — O país como unidade política; onde o autor apresenta as suas conclusões sobre o país estudado mostrando quase sempre as relações político-econômicas de cada nação latino-americana.

Nestes estudos regionais são apresentados os mapas de detalhe que quase sempre representam: 1 — relêvo; 2 — vegetação; 3 — o uso da terra; 4 — distribuição da população.

A América Espanhola O prof. JAMES dividiu esta parte do livro em:

1 — América do Sul espanhola que compreende o estudo em separado da: Venezuela, Colômbia, Equador, Perú, Bolívia, Atacama, Chile, Paraguai, Argentina e Uruguai;

2 — México, América Central e as Antilhas.

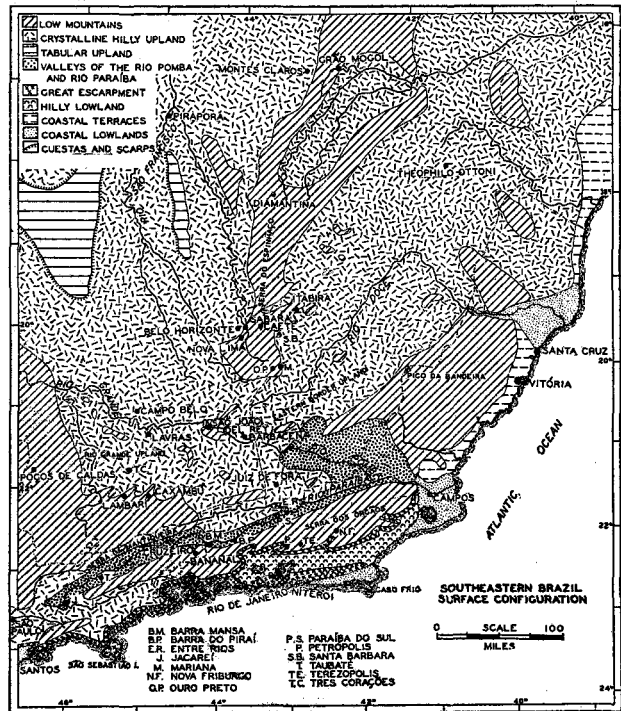
Seguindo mais ou menos o plano atrás apresentado o autor estuda toda a América Latina baseando o seu trabalho nas fontes mais autorizadas.

Sem ser muito profundo em sua análise e procurando ser o mais simples possível o autor nos deu um retrato da América Espanhola que foi tirado de certa distância mas que nos mostra facilmente os pontos mais interessantes e mais importantes de cada país em questão.

Parece-nos porém que a América Central e as Antilhas não foram tratadas com o mesmo carinho. Mas aí vai a explicação que o autor nos deu quando o visitamos recentemente em Washington: "fui obrigado a escrever sobre a América Central em um curto espaço de tempo e a pedido do editor, depois da obra pronta".

Estranhámos o estudo em separado do Atacama e aí vai a explicação que o autor nos dá: "As regiões ocupadas pelos índios estão muito ligadas à existência da água, ficando isolados, estáticos e imutáveis. Os europeus a princípio não ligaram importância à região mas depressa adquiriram um grande interesse pelo deserto em virtude da descoberta de sua única riqueza: o nitrato de sódio."

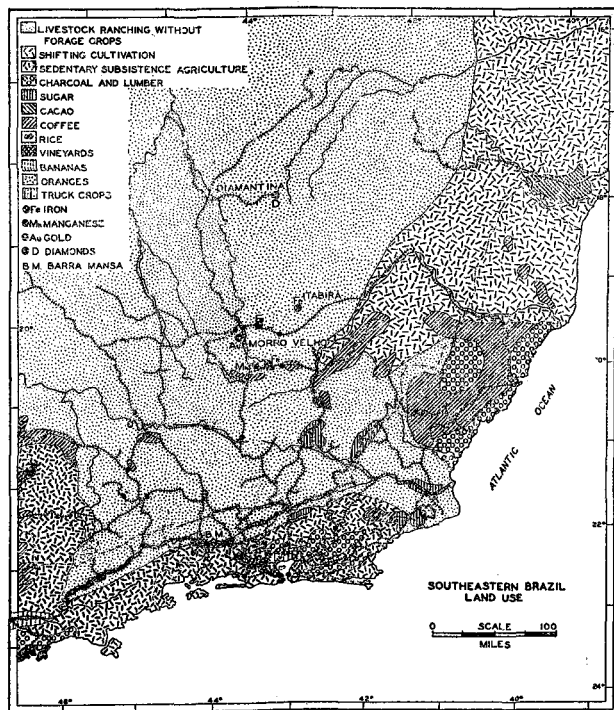
"Tão distintas são as características desta parte norte do Chile que nos pareceu desejável estudar o Atacama separadamente antes de estudar a nação chilena."



RELEVO DO SULESTE DO BRASIL

Trad. das convenções

- 1 — Montanhas pouco elevadas
- 2 — Terras altas cristalinas onduladas
- 3 — Terras altas tabulares
- 4 — Vale dos rios Pomba e Paraíba
- 5 — Grande escarpa
- 6 — Baixada ondulada
- 7 — Terraços costeiros
- 8 — Baixadas costeiras



UTILIZAÇÃO DA TERRA DO SULESTE DO BRASIL
Trad. das convenções

- 1 — Criação sem cultura de forragens
- 2 — Culturas que se deslocam (referência à migração do café para São Paulo)
- 3 — Agricultura sedentária
- 4 — Madeiras e lenha
- 5 — Açúcar
- 6 — Cacaú
- 7 — Café
- 8 — Arroz
- 9 — Vinhedos
- 10 — Bananas
- 11 — Laranjas
- 12 — Culturas levadas ao mercado em caminhões (Vizinhanças das grandes cidades)
- 13 — Ferros
- 14 — Ouro
- 15 — Manganês
- 16 — Diamantes

quentes do Chaco e os campos quentes da Mesopotâmia; os solarentos *plateaux* dos Andes; os planaltos de sotavento e as enubladas montanhas do sul."

Para a Argentina, o prof. JAMES, adotou a divisão regional mais usada pelos geógrafos platinos e que é a seguinte:

- 1 — Os Andes — Compreendem as cordilheiras do árido norte até as montanhas glaciais da Patagônia, o árido deserto a oeste de Córdoba e Tucuman e o sopé oriental dos Andes com a sucessão de oasis;
- 2 — O Norte — Abrange a vasta planície aluvional do Chaco, a Mesopotâmia (região entre os rios Paraná e Uruguai) a sudeste, e finalmente o Nordeste ou o Planalto do Paraná;
- 3 — O Pampa — Subdivide-se em: Pampa úmido (leste) e Pampa sêco (oeste);
- 4 — A Patagônia — É a região que fica ao sul do rio Colorado e caracteriza-se pela aridez.

Depois do capítulo dedicado à nação irmã do sul do Continente o autor passa a estudar a nossa terra. A parte sobre o Brasil é considerada pela crítica norte americana como um dos pontos altíssimos ou melhor a parte mais bem feita da obra. Nós, também, assim pensamos.

É porém no estudo da República Argentina que está o ponto mais alto desta parte do livro. É aí que o autor se mostrou o conhecedor perspicaz da América Latina quando afirma: "A longa luta pela hegemonia entre os tradicionais centros da vida Argentina situada ao longo do *piedmont* andino a nordeste e o jovem e prematuramente desenvolvido pôrto (B. Aires) terminou agora com o domínio completo da metrópole. A hegemonia de B. Aires estende-se quase que a todos os ramos das atividades como Paris, Londres e Nova Iorque..."

"Não se deve, porém, cometer o erro de se esquecer que Buenos Aires não é a Argentina da mesma maneira que Nova Iorque não é a América do Norte ou Paris a França. Existem outras partes da Argentina que preservaram uma distinta personalidade. Pode-se reconhecer a hegemonia política, econômica e social das metrópoles sem subestimar a contribuição especial das províncias, particularmente os lugares como Córdoba e Tucuman. Ninguém pode compreender a cosmopolita Buenos-Aires sem ter em mente o retrato das terras que se estendem ao horizonte; os variados tipos agrícolas e pastoris do úmido Pampa; as florestas úmidas e

Brasil O prof. JAMES dedicou exatamente 185 paginas do seu livro ao Brasil. Parece-nos que os motivos para esta preferência foram:

- 1 — O Brasil é o maior centro populacional da América Latina e o estudo das populações é o principal objetivo da sua obra;
- 2 — Grande parte do Brasil Sul é conhecida do autor.

Os estudos sôbre o Brasil parece que foram feitos para responder as seguintes questões:

- 1 — Porque a população do Brasil é relativamente tão pequena ?
- 2 — Estará o Brasil iniciando um movimento pioneiro similar ao movimento para o oeste da fronteira norte-americana durante o período de 1870 a 1914 ?

E o prof. JAMES continua: "Nenhuma resposta pode ser dada sôbre o Brasil em geral sem se referir às diversidades de suas partes. A teoria frequentemente apresentada é a de que as dificuldades principais são devidas ao fato de grande parte do país achar-se nos trópicos. Isto é simplificar demais o problema porque nos trópicos existem muitas variedades climáticas e algumas das regiões mais densamente povoadas do globo — Java e Índia por exemplo — são terras de clima tropical super-úmido.

O estudo geral da geografia do Brasil foi dividido nos seguintes tópicos:

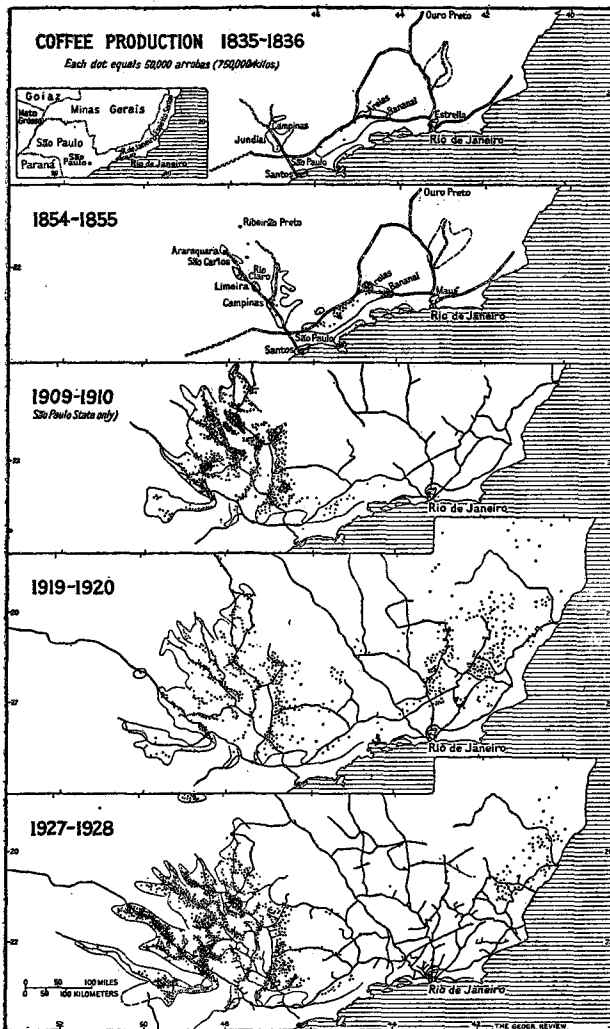
1 — A TERRA

- a) o relêvo
- b) o clima
- c) a vegetação natural
- d) os recursos naturais.

2 — O POVO

- a) os primeiros elementos raciais
- b) o desenvolvimento da colonização
- c) a colônia açucareira
- d) o ouro
- e) o café
- f) outros produtos comerciais
- g) a imigração
- h) as colônias
- i) as cidades e o sertão.

Ao estudar o relêvo o autor mostrou o caráter montanhoso da terra fazendo uma interessante e simples conexão com a hidrografia.



Produção cafeeira — 1835-1938
(Cada ponto representa 50 000 arrobas)

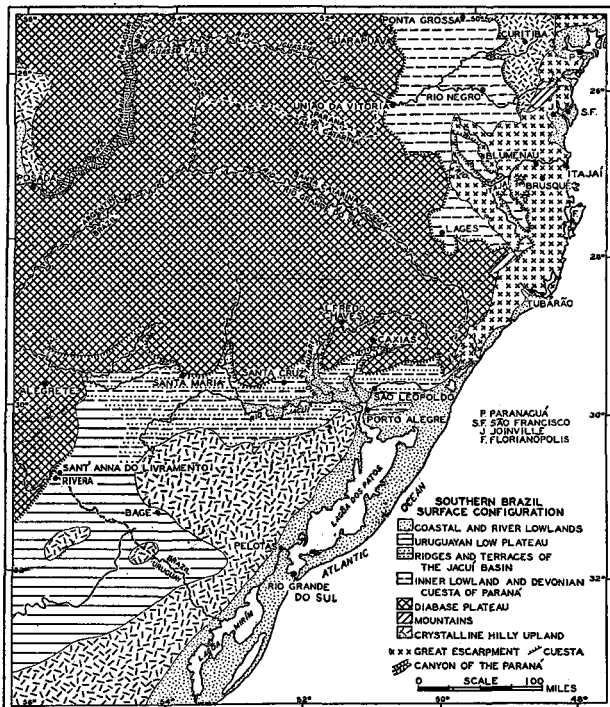
É entretanto no estudo dos climas que o autor, baseado quase que exclusivamente no trabalho do Sr. ALBERTO SERRA, apresenta uma defesa do nosso tão difamado clima. Aí vão alguns tópicos que mostram as características gerais do nosso clima: "Os climas do Brasil possuem poucos extremos, quer de temperatura quer de umidade; não são tão uniformemente monótonos ou insuportavelmente

quentes e úmidos a ponto de deprimir o espirito humano. Se a população do Brasil em certas regiões parece sem energias, não se pode interpretar isto como o inevitável resultado do clima até que os outros elementos, tais como a alimentação e as doenças, sejam levados em conta." "Um considerável número de informações erradas existem sobre a temperatura de países tropicais como o Brasil."

"A chuva é outro elemento climático que não é excessivo nem deficiente a não ser em pequenos pontos do território nacional. Em grande parte do Brasil a chuva é mais frequente no verão e a seca do inverno é uma ocorrência regular. Os Estados que ficam ao sul isto é, na parte meridional de São Paulo para baixo, não possuem uma estação de secas mas sim uma época menos chuvosa..."

"O clima do Brasil é o produto da inter-ação de massas de ar em movimento e de diferentes origens. Ao longo da costa do cabo de São Roque em direção ao sul, dois tipos de massas de ar se reconhecem: primeiro as massas de ar quente que se originam do movimento de ar em torno do centro de alta pressão do Atlântico Sul (anticiclone) e que se movem ao longo da costa nordestina para sudoeste trazendo predominantemente bom tempo com *altos stratus*; segundo, as massas de ar frias de origem polar que atravessam a Argentina pelo sudoeste e continuam em direção do nordeste ao longo da costa brasileira. O encontro dos dois tipos de massas de ar produz as nuvens do tipo *cumulus* e pesadas chuvas. Em Janeiro esta alternância entre o relativamente frio vento de sudoeste e o relativamente quente vento do nordeste permanece em toda a costa até a latitude de 20°S; em Julho porém as massas de ar frio penetram em direção do norte mesmo além do cabo de São Roque, trazendo com o seu vento chuvas regulares de origem "frontal."

"O interior do Brasil é também palco onde se dão conflitos entre massas de ar de diferentes origens. De Janeiro a Maio é a estação chuvosa e grande parte do interior fica sob a influência dos ventos quentes e úmidos do nordeste — ventos de origem equatorial no Atlântico Norte. Não se trata dos ventos aliseos no velho sentido desta expressão; é um vento do tipo monção, que sopra para o interior do continente durante o verão do hemisfério sul; não se encontram, porém, aí, no inverno, ventos do continente para o oceano, pois a região não está bastante longe do equador para atingir baixas temperaturas. Outro resultado da posição equatorial dessa corrente de ar do nordeste é permitir que massas de ar úmidas e quentes atinjam profundamente o interior do continente, alcançando as escarpas orientais dos Andes e a parte norte do Paraguai. Esta é a estação de chuvas máximas no interior.



RELEVO DO SUL DO BRASIL
Trad. das convenções

- 1 — Baixadas fluviais e costeiras
- 2 — Baixo-platô do Uruguai
- 3 — Espigões e terraços da bacia do Jacuí
- 4 — Planície interna e custa devoniana do Paraná
- 5 — Planalto de diabase
- 6 — Montanhas
- 7 — Terras altas cristalinas e onduladas
- 8 — Grande escarpa
- 9 — Canyon do Paraná
- 10 — Cuesta

¹ A expressão "frontal", é derivada de "front", que de acôrdo com a escola norueguesa de meteorologia significa o conflito ou a superfície de descontinuidade entre duas massas de ar de temperaturas diferentes (nota do comentarista).

“Em Julho o ar quente circulando em tórno do centro de alta pressão do Atlântico Sul alcança a costa do Brasil situada ao sul do cabo de São Roque e entra pelo interior, penetrando mesmo até às escarpas orientais dos Andes. Este vento é relativamente sêco e quando massas de ar de origem atlanto-tropical estão presentes, condições de bom tempo se apresentam. As massas de ar frias de origem polar são mais vigorosas neste periodo do ano e também avançam em direção do equador como ainda se movem em direção ao Noroeste através do vale do Paraguai trazendo um tempo frio e chuvoso mesmo até às proximidades do Amazonas”.

Como se pode verificar o autor não ficou na descrição dos clássicos elementos do clima: ventos, pressão, umidade, temperatura, mas trabalhou com os modernos conceitos de massas de ar para explicar o mecanismo do nosso tempo e clima.

Para a classificação dos climas da América do Sul o autor adotou o sistema de KÖPPEN. Não entraremos em maiores detalhes porque estamos preparando um estudo onde apresentaremos o original sistema de KÖPPEN para a América do Sul, salientando a parte referente ao Brasil.

Não faremos aqui o sumário ou a tradução da matéria que constitue os tópicos atrás apontados porque tratam de cousas gerais sôbre a nossa terra, conhecida de todos nós mas que realmente muito interessarão ao leitor estrangeiro.

Depois desta introdução geral o prof. JAMES passa a estudar as regiões geográficas da seguinte maneira:

1 — O Nordeste — Compreende os Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e parte do Maranhão e Baía.

2 — O Sueste — Abrange parte de Minas, Estado do Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte de São Paulo.

3 — São Paulo — São Paulo (parte), Triângulo Mineiro e Norte do Paraná.

4 — O Sul — Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul — Na opinião do autor esta é uma das regiões de expansão colonizadora da América do Sul.

5 — O Norte — Parte do Maranhão, Pará, Amazonas e Acre.

A divisão do Brasil em regiões geográficas elaborada pelo prof. JAMES foi baseada principalmente nas características culturais, ou melhor, nos elementos econômico-populacionais.

Esta divisão pode não ser muito bem recebida mas preenche os objetivos do autor: os estudos populacionais.

Vamos traduzir alguns tópicos do último capítulo, sôbre o Brasil intitulado: “Brasil como Unidade Política”. — Na realidade temos aí as conclusões gerais que não comentaremos. Queremos salientar porém que não concordamos com muitas das afirmações do autor mas reconhecemos a veracidade de certos conceitos externados aí.

“Quase que a metade do continente sul-americano pertence aos Estados Unidos do Brasil. Mas grande parte do seu território, qualquer que sejam as suas possibilidades, continua vazia. Apesar de mais do que a metade da população da América do Sul ser brasileira, a terra por ela ocupada é tão vasta que somente poucas áreas isoladas foram capazes de formar uma população maior do que 10 pessoas por milha quadrada. Grande parte do Brasil, mesmo depois de quatro séculos, continua uma terra pioneira com uma esparsa população que exerce um controle mínimo sôbre o seu território. O espírito especulativo e os métodos de mineração produziram um tipo de população instável e nômade. Porém a tendência de obedecer ao *slogan* — “fique rico”, cabe mais na mente imaginativa do brasileiro, do que o desejo da permanência e estabilidade a ser conseguida pela forma de trabalho menos espetacular.

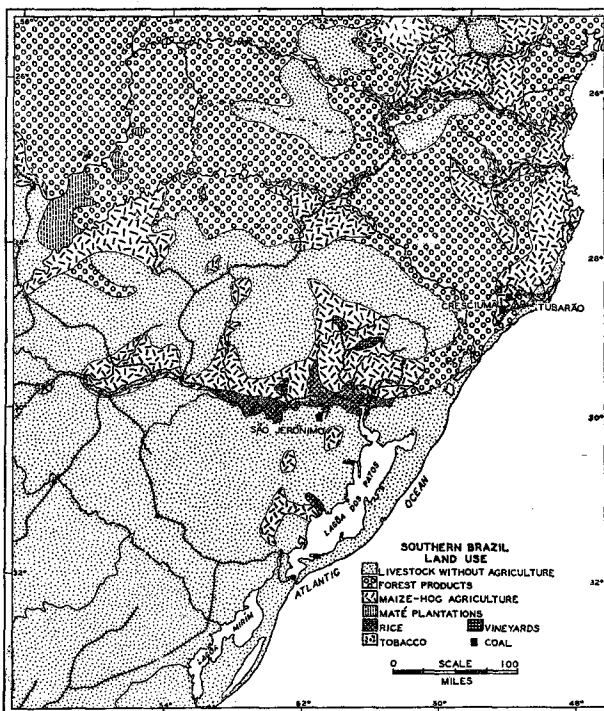
A economia especulativa não é característica peculiar do Brasil. De um modo geral este tipo de economia caracteriza todo o mundo ocidental.

O desejo de pilhar e de ter lucros rápidos motivou a colonização não somente da América Portuguesa e Espanhola mas também da Anglo-América. Mas na América do Norte e em poucas partes da América Latina o aumento da população em relação à terra e aos recursos fizeram diminuir as oportunidades para proveitos especulativos continuados.

No Brasil a economia especulativa sobreviveu a quatro séculos de colonização na maioria do território nacional. O esforço continuado de colher o fruto sem plantar a árvore constitui a variação brasileira do tema fundamental da América Latina apresentado nas primeiras páginas deste livro pela história do El-Dorado.

A definição efetiva do território nacional é muito mais difícil de se fazer no Brasil do que em quase todos os outros países latino-americanos. Entre as relativamente pequenas áreas do interior das quais os brasileiros nunca tiveram um proveito e na qual nem mesmo uma economia de subsistência jamais foi estabelecida e as regiões de população concentrada, na costa atlântica ou próximo a ela, encontra-se uma vasta zona intermediária de transição — as terras conhecidas como sendo os "sertões". Nesta zona intermediária uma população escassa e largamente esparsa procura fazer uma permanente fonte de subsistência de uma vasta extensão de terras. Somente, intermitentemente e em pequenas proporções, é que alguns pontos são usados; em muito pequena escala, é que estas regiões contribuem para a economia brasileira em geral, porém, os sertões não podem ser excluídos inteiramente do território nacional efetivo. Não se pode avaliar, tão pouco, a importância dos sertões na evolução da vida brasileira, somente pelo gado que vem daí. A típica atitude brasileira em relação à terra e o sentimento de inutilidade que frustra todas as tentativas de avanço para uma forma mais intensiva do uso da terra, relega todos os conceitos de conservação dos recursos para as esferas acadêmicas e teóricas. Esta atitude desenvolveu-se nos sertões e condiciona as relações do povo com a terra, até nos centros da civilização brasileira, nas grandes cidades.

Estas generalizações não constituem uma crítica ao Brasil ou aos brasileiros. De fato o valor dos portugueses-americanos em construir uma civilização própria considerando-se a vastidão da área, constitui reconhecidamente um grande elogio que justifica a afirmativa que dentre todas as nações latino-americanas o Brasil possui as maiores possibilidades de futuro desenvolvimento. Durante os últimos quatrocentos anos lutou contra um inquebrantável círculo de relações de causa e efeito: uma esparsa população no centro de vasta área leva para a continuação da economia especulativa, para exploração extrativa e para a instabilidade; e isso faz com que as condições de população esparsa continuem. O Brasil é uma das poucas partes do mundo que, no que se refere à economia do mundo presente, precisa de mais população. Um grande influxo imigratório fornecendo o contingente humano necessário para desenvolver a "Marcha para



UTILIZAÇÃO DA TERRA NO SUL DO BRASIL
Trad. das convenções

- 1 — Criação sem agricultura
- 2 — Produtos florestais
- 3 — Agricultura — milho
- 4 — Plantação de erva-mate
- 5 — Arroz
- 6 — Ferro
- 7 — Vinhedos
- 8 — Carvão

oeste" poderá romper o círculo e suportar o tipo caótico de progresso que favoreceu a colonização de grande parte dos Estados Unidos no período de 1870 a 1914. Nos anos presentes tal influxo de imigrantes não poderia ser recebido sem sérios perigos para o Brasil; os dirigentes brasileiros acham-se inclinados a favorecer uma extensão da colonização para o interior mais lenta e talvez mais sadia. Neste interim a economia do Brasil continuará especulativa, extrativista e instável."

Ao estudar a economia brasileira o autor traçou as suas conclusões baseando-se nas estatísticas mais modernas. Esta parte do capítulo final foi apresentada da seguinte maneira:

- 1 — A exportação
- 2 — A importação
- 3 — A relação da importação e exportação com os centros populacionais
- 4 — O comércio interno.

Do sub-capítulo "O comércio interno" vale a pena transcrever o seguinte: "Nenhum outro país latino-americano pode olhar para um continuado desenvolvimento do comércio como o Brasil.

Esta afirmação justifica-se não só em virtude da população relativamente grande dentro dos limites de uma única unidade política, mas também em virtude da grande variedade de recursos e produtos que existem nas vastas áreas brasileiras. Potencial fonte de produtos que vão desde os tipos tropicais até os de média latitude e desde os tipos agro-pecuários até os de mineração e manufatura".

O penúltimo sub-capítulo recebeu o nome de "O problema da imigração" e foi assim tratado:

- 1 — O controle da imigração.
- 2 — Áreas potenciais de colonização.

Finalmente, a parte sobre o Brasil é encerrada com um pequeno comentário intitulado "As cidades brasileiras."

Aquí também terminamos o nosso comentário, já longo, do volumoso livro do prof. PRESTON JAMES e em relação à parte que toca ao Brasil achamos que o autor de *An Outline of Geography* e grande amigo nosso apresentou uma diagnose feita por quem sinceramente quer e se acha empenhado em contribuir para a cura do seu cliente.

N. da R. A reprodução dos mapas, por nós feita em escala reduzida, foi gentilmente autorizada pelos editores: *Odyssey Press Inc.*, New York.

JORGE ZARUR.